

**GOVERNO BOLSONARO E COVID 19:
uma análise sobre a relação entre avaliação do governo do ex-presidente e
sua atuação durante a pandemia¹**

**BOLSONARO GOVERNMENT AND COVID 19:
an analysis of the relationship between the evaluation of the former
president's government and its performance during the pandemic**

Rafaella Lopes Martins Jaeger²

Vitor de Moraes Peixoto³

Resumo: Mais de dois anos se passaram para que Jair Messias Bolsonaro (PP), revelasse ter se arrependido por falas durante a pandemia. O contexto em que se insere esse arrependimento é acompanhado de seus baixos índices de popularidade e um risco iminente de perder a reeleição para o seu oponente. Diante da perda de apoio, esse artigo objetiva-se analisar se a avaliação do governo Jair Bolsonaro foi impactada pela atuação do ex-presidente frente a pandemia da covid 19. Para a realização dos testes estatísticos de regressão logística, utiliza-se o como material empírico a Pesquisa “A cara da democracia no Brasil”, nas rodadas de 2019 e 2020. De forma complementar, também utilizou-se dados do DataFolha, de onze rodadas, entre 2019 e 2021. Os principais achados são: i) aumento das avaliações nos extremos da escala (ótimo e péssimo) e diminuição dos pares (bom e ruim), dado que condiz com o atenuação da polarização; ii) não ocorreu mudança

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Cultura Política, Comportamento e Opinião Pública da 10ª Edição do Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (10ª COMPOLÍTICA), realizado na Universidade Federal do Ceará (UFC), 09 a 10 de maio de 2023.

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Sociologia Política na Universidade Estadual do Norte Fluminense, e-mail: rafaellalmjaeger@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7186-9219>.

³ Professor do Programa de Pós-graduação em Sociologia Política na Universidade Estadual do Norte Fluminense, e-mail: vpeixoto@pq.uenf.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6618-3311>.

entre os perfis de aprovação e desaprovação (avaliação positiva e negativa) nos anos investigados, apenas aprofundou as diferenças entre os grupos e, por fim, iii) a confirmação da principal hipótese de que avaliação do governo Bolsonaro foi impactada pela atuação do ex-presidente frente a pandemia da covid 19.

Palavras Chave: Jair Bolsonaro, avaliação de governo e pandemia de covid 19.

Abstract: More than two years passed for Jair Messias Bolsonaro (PP) to reveal that he regretted his speeches during the pandemic. The context in which this regret is inserted is accompanied by his low popularity ratings and an imminent risk of losing re-election to his opponent. In view of the loss of support, this article aims to analyze whether the assessment of the Jair Bolsonaro government was impacted by the former president's actions in the face of the covid 19 pandemic. The research "The face of democracy in Brazil", in the 2019 and 2020 rounds, is empirically used. In a complementary way, data from DataFolha was also used, from eleven rounds, between 2019 and 2021. The main findings are: i) increase in evaluations at the extremes of the scale (great and terrible) and decrease of the pairs (good and bad), given that it is consistent with the attenuation of the polarization; ii) there was no change between the profiles of approval and disapproval (positive and negative evaluation) in the years investigated, only deepening the differences between the groups and, finally, iii) confirmation of the main hypothesis that the evaluation of the Bolsonaro government was impacted by the performance of the former president in the face of the covid 19 pandemic.

Keywords: Jair Bolsonaro, government assessment and covid 19 pandemic.

1. Introdução

Mais de dois anos se passaram para que Jair Messias Bolsonaro (PP), em entrevista para seis canais do youtube⁴, revelasse ter se arrependido por falas durante a pandemia. O episódio aconteceu no dia 12 de setembro de 2022, dias antes do segundo turno das eleições presidenciais em que disputava com o até então ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Em suas palavras, Bolsonaro

⁴ Podcasts cristãos: Dunamis, Hub, Felipe Vilela, Positivamente, Luma Elpidio e Luciano Subirá.

chega a dizer que “deu uma alopada, eu perdi a linha”⁵. O problema é que essa auto crítica parece ter chegado tarde demais. Isso porque o contexto em que se insere esse arrependimento é acompanhado de seus baixos índices de popularidade e um risco iminente de perder a reeleição para o seu oponente.

Diante da perda de apoio, esse artigo objetiva-se analisar se a avaliação do governo Jair Bolsonaro foi impactada pela atuação do ex-presidente frente a pandemia da covid 19. A hipótese é de que a avaliação negativa da atuação de Bolsonaro na pandemia impactou negativamente a avaliação do governo do ex-presidente. Para tal, em um primeiro momento observa-se a evolução da avaliação do governo Bolsonaro. Em seguida, analisa-se dois modelos de regressão observando avaliação do governo antes e depois da pandemia e um terceiro, com foco na avaliação da atuação do ex-presidente na pandemia. Ambos os modelos controlados sob as variáveis: sexo, idade, escolaridade, religião, região e renda familiar. Por fim, cruza-se as duas variáveis independentes dos modelos com a finalidade de testar a dependência entre elas.

Com esse propósito, utiliza-se o material empírico da Pesquisa “A cara da democracia no Brasil”, realizada pelo Instituto da democracia e da democratização da comunicação, nas rodadas de 2019 e 2020 (pré e pós pandemia⁶). De forma complementar, utiliza-se dados de onze rodadas do DataFolha entre 2019 e 2021.

O artigo foi dividido em seis partes. Além desta seção introdutória, apresenta-se as literaturas referentes a i) avaliação de governo e ii) pandemia da covid 19 no governo Bolsonaro. Depois expõe-se o desenho de pesquisa. Em seguida, a análise dos resultados. Por fim, tece-se as considerações finais.

2. Avaliação de governo

A literatura internacional discute amplamente a importância da avaliação dos eleitores sobre o governo, principalmente no que diz respeito às questões econômicas. O resultado de tais avaliações é quase consensual: avaliações positivas referentes a economia refletem em avaliações governamentais positivas, o

⁵ Quando perguntado por Felipe Vilela o Jair Bolsonaro responde: “É lógico, aí eu me arrependo. Eu parei de falar com a mídia, porque, o seguinte, os caras batiam na tecla o tempo todo e eu não percebi que queriam me tirar do sério”.

⁶ Vale destacar que os termos pré e pós pandemia são usados para se referir aos períodos antes da pandemia começar e depois com sua chegada.

mesmo acontece na situação oposta (STROM e LIPSET, 1984 e POWELL e WHINTTEN, 1993).

Já com relação à literatura nacional, autores como Carreirão (1999) apontam que não existe um consenso sobre o tema. Para o autor, apesar de todos os trabalhos analisados por ele⁷ indicarem algum peso da avaliação do desempenho do governo sobre o voto, parte deles apresenta outros fatores e outros até minimizam estes. Em suas conclusões, o cientista político afirma ser possível dizer que boa parte do eleitorado brasileiro vota almejando melhorias econômicas para si e para o país.

Em contrapartida, sob investigação da eleição de 2014, Veiga e Ross (2016), enfraquecem as análises vinculadas a esta vertente, nomeada pela literatura como teoria econômica do voto. Os resultados encontrados pelos autores apontaram que o conhecimento de informações objetivas sobre a economia não afeta a avaliação dos eleitores, mas que as preferências políticas impactam na percepção da economia. Desta forma, ao invés das escolhas econômicas influenciarem a política como sustenta a teoria, o que tem acontecido é o contrário.

Ainda sobre a mesma eleição, Veiga, Ross e Martins (2020) testam os efeitos da corrupção e da economia na adesão ao governo da presidente Dilma Rousseff (PT) no momento pré-impeachment. Em seus achados, os autores revelam que considerar os dois temas como um dos três principais problemas do país exerce impacto na avaliação do governo. No entanto, em análise dos resultados mês a mês, foi encontrado que a importância da economia como principal problema sofria uma queda, enquanto a questão da corrupção tomava mais importância. A conclusão a que se chegou é que a avaliação da economia não explicou o voto na reeleição da presidente.

Com relação aos eixos corrupção e avaliação de governo, Baptista (2018) analisou o primeiro mandato da presidenta Dilma⁸, sob a ótica das revistas Carta Capital e Veja, observando as oscilações da avaliação de governo. Seus resultados indicaram que a corrupção é uma variável de peso para se analisar a avaliação de governo. Para mais, identificou-se que esta última cresce conforme a percepção dos

⁷ São citados: Lavareda (1989), Mendes e Venturi (1994), Figueiredo (1994), Meneguello (1995), Albuquerque (1995), Kinzo (1996), Almeida (1996) e Singer (1998).

⁸ Com foco em acontecimentos selecionados no período, a saber: 100 primeiros dias do governo Dilma; Julgamento do mensalão; Copa das Confederações; Copa do Mundo; e Eleições 2014.

escândalos de corrupção. Sobre este ponto, a autora destaca a contribuição da cobertura midiática para essa percepção.

Já no que tange a última eleição presidencial, Rennó (2022) expõe seus aspectos específicos e aponta ser natural que ela seja marcada pela retrospectiva e avaliação dos governos. Segundo ele, a preferência sobre temas políticos, questões ideológicas, passa a ser mais relevante, diferenciando as preferências para além das avaliações exclusivamente econômicas. Ademais, destaca os crescentes questionamentos sobre a validade da democracia por parte dos civis e da presidência. Dado já evidenciado por Avritzer e Rennó (2021) e Chaguri e Amaral (2021), quando apresentam a relação entre o autoritarismo e o bolsonarismo.

Contudo, interessa a este artigo analisar como dentro desse amplo debate sobre a avaliação do governo, a pandemia da covid 19 pode ou não ter exercido impacto no caso brasileiro.

3. Pandemia de covid 19 no governo Bolsonaro

De forma sinóptica, foi em 26 de fevereiro de 2020 que se registrou o primeiro caso de coronavírus no Brasil. Dias depois, em 11 de março do mesmo ano, a Organização Mundial de Saúde (OMS) caracterizou a covid 19 como pandemia⁹. E foi só no dia 17 de janeiro de 2021 que o Brasil viu a primeira aplicação da vacina contra o vírus no país pelo governo de São Paulo. Isso porque o governo federal só foi anunciar a chegada do primeiro lote, quase um mês depois, em 23 de fevereiro. Em meio a pronunciamentos negacionistas¹⁰ por parte do presidente, escândalos na compra de vacinas e atrasos na vacinação¹¹, que a crise sanitária passou pelo governo de Jair Bolsonaro.

Em paralelo a seção anterior, a relação entre a avaliação de governo e a pandemia é trazida por Sandes-Freitas et.al. (2021) que revelou que, na eleição de 2020, as capitais com prefeitos bem avaliados e baixas taxas de óbitos elegeram candidatos da situação, ainda que outras configurações também os levaram ao

⁹Uma pandemia é uma epidemia de doença infecciosa que se dissemina entre a população localizada numa grande região geográfica como, por exemplo, de alcance mundial.

¹⁰ Em suas palavras, “é só uma gripezinha” (Jair Bolsonaro em março de 2021).

¹¹ Instaurada a CPI para averiguar o atraso na compra de vacinas e do calendário vacinal, relatório final acusa governo federal de atraso na compra de vacinas e de negociações ilícitas no caso Covaxin.

Saiba mais:
<https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2021/10/22/relatorio-acusa-governo-federal-de-atraso-na-compra-de-vacinas-e-de-negociacoes-ilicitas-no-caso-covaxin>

sucesso eleitoral. Mais especificamente sobre a campanha de vacinação iniciada nos municípios no ano seguinte, Peixoto, Leal e Marques (2021) indicaram que o bolsonarismo exerceu impacto negativo na cobertura vacinal.

Com relação a isso, parte da literatura vem tratando as políticas do governo Bolsonaro como neofascistas. É o caso dos trabalhos de Matos (2021) que desenvolve as insuficiências do governo frente à pandemia da covid 19 e como tais (in)ações tem ligação com o desmonte do SUS. Além dele, Mendes, Carnut e Melo (2023) também fazem uso do termo para definição do governo. Para os autores, o desmonte da universalidade no SUS configura-se como um projeto do governo neofascista de Bolsonaro e teve sua execução garantida de forma contínua.

Outro termo usado é necropolítica. Castilho e Lemos (2021) definem desta forma por compreenderem que a política do governo vem de um domínio autoritário que determina quem deve morrer e quem merece viver. Isso porque, segundo dados trazidos pelos autores, o vírus atingiu em maior quantidade pessoas negras e periféricas. Dados anteriormente expostos por Muniz, Fonseca e Pina (2020) que indicaram que o número de mortes entre pessoas negras no Brasil é cinco vezes maior.

No que diz respeito aos discursos negacionistas do Bolsonaro, Calil (2021) apontou que na intenção de atingir imunidade coletiva, o governo teve como objetivo estimular a contaminação generalizada. Com essa finalidade, minimizou a gravidade da pandemia, estimulou comportamentos contrários aos recomendados pela OMS e disseminou informações falsas. O artigo destaca os meses de março e abril como decisivos na estratégia do governo. Segundo o autor, na justificativa de preocupação com a economia “atribuiu a responsabilidade pela crise aos defensores do isolamento social (ainda que sua política tenha agravado a crise ao prolongar a vigência da pandemia)”.

De acordo com Moraes e Silva (2021), um recurso muito usado nesse período pelo governo foram as lives semanais de Bolsonaro, que tiveram o intuito de minimizar e normalizar o contágio e as mortes ocorridas pela pandemia, isentando o governo federal da responsabilidade. Em uma observação minuciosa, os autores encontraram um padrão retórico próprio à linguagem bolsonarista. Segundo eles, a particularidade das lives seria que ao invés do estado permanente de guerra que Bolsonaro se coloca ao se comunicar pela grande mídia, nas lives o ex-presidente pratica “o bom humor, a compreensão do interlocutor, explicações sobre medidas

polêmicas, bastidores”. E é esse espaço que proporciona a formação de laços entre ele e seus seguidores. Foi também esse discurso que alimentou a crítica ao distanciamento social e a medidas de prevenção.

Apesar de tal estratégia, Rennó, Avritzer e Carvalho (2021), ao investigar as atitudes de Bolsonaro sobre a pandemia, observaram que tirando a base bolsonarista, a maioria dos cidadãos discorda das posições negacionistas adotadas por ele. Em contrapartida, os dados encontrados também indicam que entre aqueles que concordam com tais atitudes, o apoio é bastante intenso. Ademais buscou-se identificar como tais posicionamentos afetam a avaliação do governo, no qual destacou-se que beneficiários de curto prazo de políticas econômicas do governo¹² avaliam positivamente o mesmo em uma taxa quatro vezes maior do que outros brasileiros.

Por fim, autores propuseram investigar em que medida a pandemia afetou a cultura democrática brasileira. Foi o caso de Moraes e Moisés (2022), que fizeram uma análise de painel referente a três momentos distintos da crise viral e identificaram que apesar dos efeitos negativos inegáveis, é possível afirmar que a democracia permaneceu estável. Isso porque, segundo eles, as consequências relacionadas à saúde e à economia, não promoveram alteração significativa nas variáveis observadas de cultura democrática, mantendo níveis similares.

4. Dados e procedimentos

Como brevemente apontado na introdução, para a realização dessa investigação retirou-se o material empírico da Pesquisa “A cara da democracia no Brasil”, realizada pelo Instituto da democracia e da democratização da comunicação que compõe o Instituto Nacional de Tecnologia e Ciência (INCT). Iniciado em 2018, o survey conta com rodadas anuais. Em específico a esta pesquisa, utiliza-se as rodadas dois e três, referentes aos anos 2019 e 2020. Com o intuito de mobilizar os testes estatísticos, definiu-se o método de regressão logística bivariada e multivariada. De forma complementar, utilizou-se onze rodadas do Datafolha, para fazer uma análise longitudinal da avaliação do governo Bolsonaro, entre os anos de 2019, 2020 e 2021.

¹² Como o caso do auxílio emergencial.

O objetivo geral do artigo é analisar se a avaliação do governo Jair Bolsonaro foi impactada pela atuação do ex-presidente frente a pandemia da covid 19. De forma específica, observa-se a evolução dos índices de avaliação do governo, sob a luz dos dois bancos de dados citados. Depois analisar três modelos de regressão referentes a 2019, período pré-pandemia e 2020, segmentado em dois momentos, respectivos: i) a avaliação do governo e ii) a atuação do Bolsonaro no período pandêmico. Por fim, aplica-se um teste de qui-quadrado para responder a questão principal testando a relação entre avaliação do governo Bolsonaro e avaliação da atuação do ex-presidente na pandemia.

Acerca dos dados descritivos de avaliação do governo, sob a luz do banco de dados Datafolha, verificou-se em análise longitudinal a evolução das respostas referentes à questão: “O presidente Jair Bolsonaro completou (tempo¹³) de governo. Na sua opinião o presidente Jair Bolsonaro está fazendo um governo ótimo, bom, regular, ruim ou péssimo?”, em onze rodadas (2019, 2020 e 2021). O mesmo foi feito em questão correspondente a anterior no banco de dados da pesquisa A cara da democracia, nas rodadas de 2019 e 2020.

No que diz respeito à construção dos modelos de regressão¹⁴, para os dois primeiros modelos, selecionou-se como variável independente (explicativa) a avaliação do governo, registrada nas referidas rodadas como: Na sua avaliação, o Governo do Presidente Jair Bolsonaro está sendo: ótimo, bom, regular, ruim ou péssimo?.

Já com relação ao terceiro modelo, a variável independente (explicativa) diz respeito a atuação do Jair Bolsonaro na pandemia redigida da seguinte maneira: Algumas pessoas avaliam que o presidente deu pouca importância ao impacto do novo coronavírus, prejudicando o combate à pandemia no país. O(A) senhor(a) Concorda ou discorda: (Se concorda, perguntar: muito ou pouco, se discorda, perguntar:muito ou pouco).

Em ambos os modelos, foram incluídas seis variáveis dependentes (explicadas): sexo, idade, escolaridade, religião, região e renda familiar. Formuladas no questionário da seguinte maneira: sexo codificada entre Masculino e Feminino; *idade* entre faixas etárias (16 e 17, 18 a 24, 25 a 34, 35 a 44, 45 a 54, 55 a 64, 65 anos ou mais); *escolaridade* entre ano/série (Analfabeto/ Nunca frequentou

¹³ Tempo referente ao período em que já tinha de governo na aplicação do questionário.

¹⁴ Ambos construídos sob os dados da pesquisa A cara da democracia.

escola, Primário incompleto (até 3a série do ensino fundamental), Primário completo (4a.série do ensino fundamental), Ginásio incompleto (até 7a série do ensino fundamental), Ginásio completo (8a série do ensino fundamental), Colegial incompleto (até 2a série do ensino médio), Colegial completo (3a série do ensino médio), Ensino universitário incompleto ou especialização (técnico após ensino médio), Ensino universitário completo, Pós-graduação ou mais; *religião* codificada entre 1- Budista, 2- Candomblé, 3 - Católica, 4 - Espírita kardecista, espiritualista, 5 - Evangélica, 6 - Judaica, 7 - Mórmon, Adventista, Testemunha de Jeová, 8 - Santo Daime, Esotérica, 9 - Seicho-No-Ie. Messiânica, Perfeita Liberdade, 10 - Umbanda, 11 - Outra e 12 - E ateu/ Agnóstico/ Não acredita em Deus; *região* segmentada entre as cinco regiões (Norte, Nordeste, Sudeste, Centro Oeste e Sul) na aplicação do questionário e, por fim, *renda familiar*, categorizada como Até R\$ 1045,00, De R\$ 1046,00 a R\$ 2090,00, De R\$ 2091,00 a R\$ 3135,00, De R\$ 3136,00 a R\$ 5225,00, De R\$ 5226,00 a R\$ 10450,00, De R\$ 10451,00 a R\$ 15675,00, De R\$ 15676,00 a R\$ 20900,00, Mais de R\$ 20900,00.

Por fim, para realização do teste de independência, cruzou-se as variáveis avaliação do governo Bolsonaro e atuação do ex-presidente na pandemia, representadas no questionários pelas seguintes questões: “Na sua avaliação, o Governo do Presidente Jair Bolsonaro está sendo: ótimo, bom, regular, ruim ou péssimo?” e “Algumas pessoas avaliam que o presidente deu pouca importância ao impacto do novo coronavírus, prejudicando o combate à pandemia no país. O(A) senhor(a) Concorda ou discorda: (Se concorda, perguntar: muito ou pouco, se discorda, perguntar:muito ou pouco)”. Ambas codificadas em 5 categorias que foram mantidas no cruzamento.

5. Resultados: avaliação do governo Bolsonaro e avaliação da atuação do ex-presidente na pandemia

Nesta seção, serão apresentados os resultados encontrados na pesquisa em três momentos, a saber: i) dados descritivos com relação a evolução dos níveis de avaliação do governo do Jair Bolsonaro, segundo dados retirados do Datafolha e da pesquisa A cara da democracia; ii) análise dos modelos de regressão descritos na seção anterior, com relação a dados de 2019 e 2020 (pré e pós pandemia); e iii)

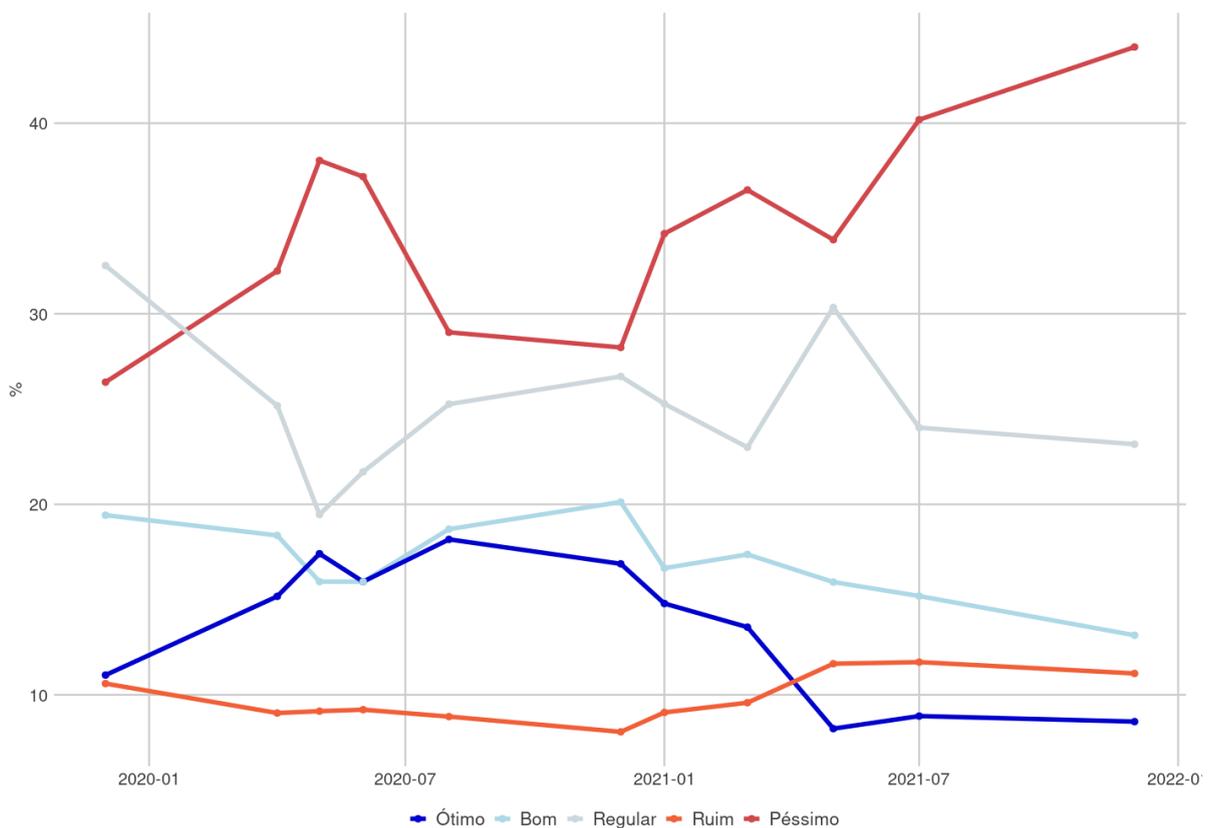
análise do teste de qui-quadrado (independência) entre as variáveis avaliação de governo e avaliação da atuação na pandemia com dados apenas de 2020.

Evolução da avaliação do governo Jair Bolsonaro

De início apresenta-se uma breve descrição dos dados do Datafolha sobre a avaliação do governo do ex-presidente em onze rodadas. A primeira referente a dezembro de 2019, que marca o período anterior ao início da pandemia e outras dez referentes a 2020 e 2021, sob o contexto do pós - início e decorrer da crise viral.

GRÁFICO 1

Evolução da avaliação do governo Jair Bolsonaro 2019, 2020 e 2021



Fonte: Elaboração própria através de dados retirados da pesquisa DataFolha, nas rodadas de 2019, 2020 e 2021.

O gráfico acima revela como principal ponto o início da pandemia, marcado pelo reposicionamento, quase que em troca dos respondentes que consideravam o

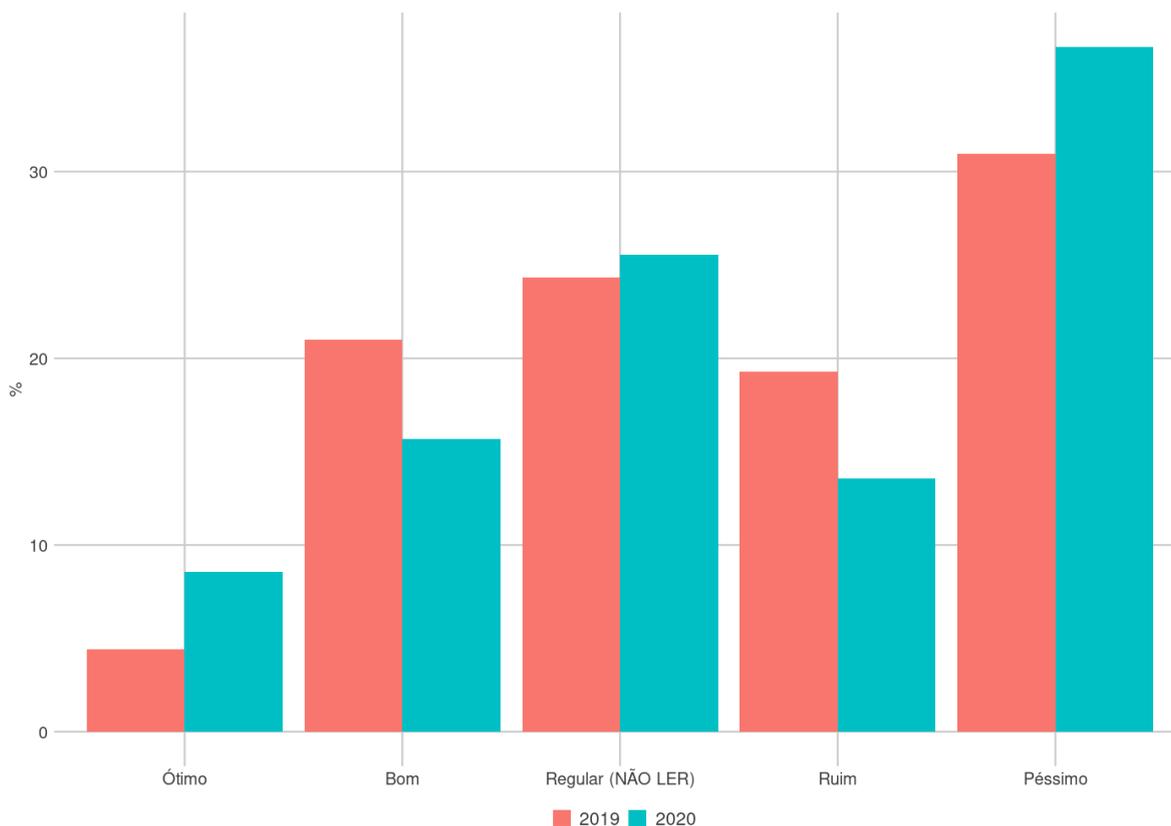
governo regular para o péssimo. Isso porque, como observado da primeira para a segunda rodada, é possível notar uma diminuição acentuada entre os que apontavam o governo como regular e um aumento quase simultâneo do péssimo. Ao mesmo tempo, observa-se também uma diminuição entre aqueles que consideram o governo ruim e um aumento entre aqueles que consideram ótimo. A mudança entre os que avaliavam o governo como bom é negativa, apesar de pouco expressiva.

A respeito das demais rodadas, foi demonstrado a mesma tendência de aumento expressivo do péssimo e queda simultânea do regular das seguintes rodadas: dois para a três, seis para sete e sete para a oito. Com relação à rodada oito para a nove, temos um aumento expressivo do regular, diminuição do péssimo e do ótimo. Do ponto nove ao dez, segue o mesmo padrão de diminuição do regular e aumento do péssimo, período que marca também um pequeno aumento do ótimo. Já as demais categorias apresentam mudanças pouco expressivas. Sobre as últimas rodadas, é possível pontuar uma certa regularidade entre o ótimo e o ruim, queda no regular e da categoria bom, ainda que mais expressiva para a última e aumento expressivo do péssimo.

De maneira mais sintética o gráfico abaixo verifica os mesmos dados de evolução da avaliação do governo Bolsonaro, só que desta vez referente a pesquisa "A cara da democracia", utilizada também na criação dos modelos e testes, nas rodadas de 2019 e 2020.

GRÁFICO 2

Evolução da avaliação do governo Jair Bolsonaro 2019-2020



Fonte: Elaboração própria através de dados retirados da pesquisa A cara da democracia no Brasil, nas rodadas de 2019 e 2020.

No gráfico 2 observa-se o aumento das categorias ótimo e péssimo, acompanhado da queda do bom e ruim, do primeiro para o segundo ano. Esse dado é acompanhado pela diminuição das categorias pares (bom e ruim). Já com relação a categoria regular, é possível notar um aumento, ainda que não seja uma mudança expressiva.

Apesar de se tratar de uma análise menos completa por demonstrar apenas dois pontos, é importante destacar a plausibilidade com os dados anteriores, no qual de 2019 (primeiro ponto) para 2020 (do segundo ao oitavo) é demonstrado, sobretudo nos dois primeiros pontos, um aumento nos extremos da escala (ótimo e péssimo) e queda entre suas categorias pares (bom, e ruim). A divergência estaria apenas na categoria regular que, no geral, mostraria números inferiores de 2019 para os anos de 2020 e 2021, mas isso pode ser justificado pela diferença no período de aplicação do questionário e a variação que essa categoria teve ao longo das rodadas.

De forma geral, destaca-se a migração para os extremos do índice de apoio ao governo, no qual observa-se o aumento das categorias ótimo e péssimo, acompanhado da queda do bom e ruim, do primeiro para o segundo ano. Com relação a esse dado específico, apesar de não compor uma de nossas hipóteses, podemos apontá-lo como congruente ao aumento da polarização política já existente entre apoiadores e opositores, iniciada na campanha da eleição de 2018, anteriormente entre a própria figura do Bolsonaro e, desta vez, com relação ao seu governo.

Modelos de regressão

A seguir apresenta-se os modelos de regressão referentes i) à avaliação do governo Bolsonaro no período pré (2019) ii) pós (2020) e no que diz respeito iii) a avaliação da sua atuação na pandemia (2020).

TABELA 1
Modelos de regressão com relação a avaliação do governo (2019 e 2020) e sua atuação na pandemia

Predictors	gov_pessimo (2019)			gov_pessimo (2020)			gov_pandemia (2020)		
	Estimates	CI	p	Estimates	CI	p	Estimates	CI	p
(Intercept)	0.40	0.27 - 0.54	<0.001	0.32	0.14 - 0.51	0.001	0.75	0.57 - 0.93	<0.001
feminino	0.06	0.02 - 0.10	0.004	0.10	0.04 - 0.16	0.001	0.07	0.01 - 0.13	0.019
catolico	-0.15	-0.21 - -0.09	<0.001	-0.13	-0.21 - -0.06	<0.001	-0.05	-0.12 - -0.02	0.163
evangelico	-0.20	-0.26 - -0.13	<0.001	-0.28	-0.37 - -0.20	<0.001	-0.19	-0.28 - -0.11	<0.001
idade	-0.00	-0.00 - 0.00	0.167	-0.00	-0.00 - 0.00	0.916	-0.00	-0.00 - 0.00	0.434
Escolaridade	-0.01	-0.02 - -0.00	0.035	0.01	-0.01 - 0.02	0.425	-0.01	-0.02 - 0.01	0.320
Renda familiar	-0.00	-0.02 - 0.01	0.603	0.00	-0.02 - 0.02	0.990	0.00	-0.02 - 0.02	0.987
Nordeste	0.28	0.19 - 0.36	<0.001	0.11	-0.01 - 0.22	0.085	0.08	-0.04 - 0.20	0.179
Norte	0.01	-0.09 - 0.12	0.799	0.14	-0.00 - 0.29	0.057	0.11	-0.03 - 0.26	0.111
Sudeste	0.12	0.04 - 0.20	0.004	0.14	0.02 - 0.25	0.018	0.08	-0.02 - 0.19	0.129
Sul	0.05	-0.04 - 0.14	0.241	-0.03	-0.15 - 0.10	0.696	-0.01	-0.13 - 0.11	0.878
Observations	2009			1000			1000		
R ²	0.070			0.075			0.039		

Fonte: Elaboração própria através de dados retirados da pesquisa A cara da democracia no Brasil, nas rodadas de 2019 e 2020.

A tabela 1 demonstra que todos os três modelos de regressão apontaram que ser do gênero feminino diminui a chance de apoio ao governo Bolsonaro. Sobre

isso, trabalhos anteriores, já apontavam com relação a campanha presidencial de 2018, que Jair Bolsonaro tinha menor apoio entre as mulheres. Segundo Nicolau (2020), esse resultado é decorrente da postura machista e misógina do ex-capitão.

No que diz respeito aos evangélicos, os achados indicaram uma direção oposta. Pertencer a este segmento religioso, aumentaria as chances de apoio ao governo em todos os três modelos. Oro e Alves (2020), apontam na mesma direção quando apresentam a afirmação oposta de que entre os religiosos, seriam os evangélicos o grupo com menor rejeição a Bolsonaro. Em dados percentuais, enquanto 56% dos umbandistas, 46% dos espíritas e 42% dos católicos reprovam o presidente, a porcentagem baixa para somente 27% entre os evangélicos.

Quanto aos católicos, foi observado maior chances de apoio ao governo do ex-presidente nos modelos de 2019 e 2020. A importância desse apoio já havia sido pontuada por Oro e Alves (2020) em análise desse segmento para a vitória eleitoral do ex-presidente. No que diz respeito à avaliação da pandemia, a categoria perde significância estatística.

No tocante à escolaridade, evidenciou-se que quanto maior a escolaridade, menor a chance de avaliação positiva ao governo em 2019, ainda que com significância estatística próxima ao limite aceitável de 0,5 (0.035). Dado que perde a significância nos outros dois modelos referentes a 2020.

Em relação às regiões do Brasil, foi constatado que em 2019, ser do nordeste diminui a chance de apoio ao governo de Bolsonaro, enquanto que aumentava as chances para os residentes do sudeste. No ano seguinte, foi verificado a mesma posição para o sudeste. Com relação às demais regiões não foi verificada relevância estatística. Assim como, com as variáveis idade e renda.

Neste sentido, com relação aos perfis inclinados à aprovação e desaprovação, constata-se que estes não sofreram grande impacto no período investigado, apenas aprofundaram as diferenças entre os grupos.

Teste de qui-quadrado

TABELA 2
Teste de independência entre as variáveis avaliação do governo e atuação do Bolsonaro na pandemia

	Avaliacao_gov					Total	p-value ¹
	1 - Ótimo	2 - Bom	3 - Regular	4 - Ruim	5 - Péssimo		
Atuacao_pandemia							<0.001
1 - Concorda muito	6 (1.1%)	26 (4.8%)	99 (18%)	90 (17%)	322 (59%)	543 (100%)	
2 - Concorda pouco	7 (4.9%)	26 (18%)	63 (44%)	25 (17%)	23 (16%)	144 (100%)	
3 - Nem concorda nem discorda	10 (12%)	25 (30%)	35 (43%)	9 (11%)	3 (3.7%)	82 (100%)	
4 - Discorda pouco	20 (19%)	38 (36%)	38 (36%)	4 (3.7%)	7 (6.5%)	107 (100%)	
5 - Discorda muito	42 (39%)	39 (36%)	17 (16%)	4 (3.7%)	5 (4.7%)	107 (100%)	
Total	85 (8.6%)	154 (16%)	252 (26%)	132 (13%)	360 (37%)	983 (100%)	

Fonte: Elaboração própria através de dados retirados da pesquisa A cara da democracia no Brasil, na rodada de 2020.

Com relação aos eleitores que concordam muito que o ex-presidente deu pouca importância ao impacto da pandemia, prejudicando o combate ao vírus, a maioria (59%) considera seu governo péssimo, seguido de 18% apontando-o como regular e 17% ruim. Para aqueles que apresentam a mesma opinião sobre sua atuação na pandemia e avaliaram o governo como ótimo e bom, os resultados não se mostram significativos (1,1% e 4,8%, respectivamente).

Acerca dos respondentes que avaliaram a questão como concordo pouco, foram encontrados uma concentração maior na marca do regular, chegando a 44%. Seguido de números próximos entre aqueles que consideram o governo como bom (18%), ruim (17%) e péssimo (16%). A menor marca é de 4,9% entre aqueles que apontam o governo como ótimo.

Do ponto de vista oposto, se tratando daqueles que discordam muito da afirmação que sua pouca importância ao impacto na pandemia, 39% considera seu governo ótimo, 36% bom e 16% regular. Sobre aqueles e aquelas que julgam o governo como ruim ou péssimo, as porcentagens são de 3,7% e 4,7%, respectivamente. Sobre que julgam discordar pouco, as marcas são de 19%, 36% e 36% para os três primeiros pontos (ótimo, bom e regular) e 3,7% e 6,5% para o ruim e péssimo respectivamente.

No que diz respeito à categoria “Nem concorda nem discorda”, vale pontuar que a mesma não é lida como alternativa, marcada apenas quando exposta de forma espontânea. Os resultados encontrados entre esses eleitores que nem concordam e nem discordam com a avaliação de que o Bolsonaro deu pouca importância à pandemia, prejudicando o combate ao vírus, ficaram majoritariamente

entre o regular e bom, 43% e 30% respectivamente. Quanto aos índices do extremo negativos (péssimo e ruim), as marcas foram de 3,7% e 11%. Seguido de 12% com relação àqueles com essa opinião que consideravam o governo ótimo.

Em síntese, verificou-se uma forte dependência entre avaliação negativa do governo Bolsonaro e avaliação negativa da sua atuação na pandemia, o mesmo ocorre na situação oposta (quanto às análises positivas para ambas). Tais achados são reforçados pela significância estatística do teste (0.001) e corroboram com a hipótese norteadora da pesquisa de que a avaliação negativa da atuação de Bolsonaro na pandemia impactou negativamente a avaliação do governo do ex-presidente.

6. Considerações finais

Esse artigo apresentou em um primeiro momento como a literatura nacional estava tratando as questões referentes à avaliação do governo para assim analisar como dentro desse amplo debate sobre o tema, a pandemia da covid 19 pode ou não ter exercido impacto no caso brasileiro. Com esse objetivo, discutiu-se na seção seguinte a crise pandêmica no governo Bolsonaro, no qual evidenciou os termos em que a literatura vem empregando sobre a atuação do ex-presidente e refletindo sobre o impacto dos seus comportamentos.

Em seguida, expõe-se a seção de dados e procedimentos, responsável por apresentar o objetivo geral, que seria analisar se a avaliação do governo Jair Bolsonaro foi impactada pela atuação do ex-presidente frente a pandemia da covid 19; os dois bancos de dados utilizados e a construção dos modelos de regressão e teste estatístico. Ademais apresenta-se a estruturação da análise dos resultados.

Por fim, o artigo discute os resultados encontrados partindo da análise sobre a evolução da avaliação do governo Jair Bolsonaro sob o enquadramento de dois bancos de dados. Tal análise nos possibilitou uma análise mais completa do período investigado. Sobre esta etapa os resultados encontrados revelam um aumento dos pontos extremos do índice (ótimo e péssimo) em concomitância da diminuição dos seus pares (bom e ruim), condizente com a intensificação da polarização política.

Com relação aos modelos de regressão, tendo submetido as variáveis independentes de avaliação do governo Bolsonaro nos bancos de 2019 e 2020 e atuação do ex-presidente na pandemia no banco de 2020, controlada por outras

seis variáveis dependentes, foi possível afirmar que não ocorreu nenhuma mudança significativa entre os perfis inclinados à aprovação e desaprovação, apenas aprofundaram as diferenças entre os grupos.

Por fim, aplicou-se um teste de qui-quadrado das duas variáveis independentes e constatou-se que uma forte dependência entre elas. Isso porque além da significância estatística do teste (0.001), foi observado que aqueles que apresentam avaliação negativa no governo Bolsonaro, majoritariamente também apresentam avaliação negativa com relação a atuação do ex-presidente, o mesmo acontece no cenário oposto.

Desta maneira, o artigo avança no debate que busca identificar os impactos da pandemia na política nacional, no caso específico sobre a avaliação do governo Bolsonaro e sua perda de apoio. Corroborando com a principal hipótese do texto de que a avaliação negativa da atuação do ex-presidente na pandemia impactou negativamente a avaliação do seu governo. Ademais, o artigo abre portas para investigações futuras no que diz respeito a investigações que se proponham a analisar esse impacto (avaliação negativa da sua atuação) na derrota do pleito presidencial de 2022.

Referências

AVRITZER, Leonardo; RENNÓ, Lúcio, The Pandemic and the Crisis of Democracy in Brazil, **Journal of Politics in Latin America**, 2021.

BAPTISTA, Erica Anita, Corrupção política e avaliação de governo: o caso da Lava Jato, **Revista de Arte, Mídia e Política**, v. 11, 2018.

CALIL, Gilberto Grassi, A negação da pandemia: reflexões sobre a estratégia bolsonarista, **Revista Serviço Social & Sociedade**, v. 140, 2021.

CARREIRÃO, Yan de Souza, Avaliação do governo e “voto econômico”, **Revista Lua Nova**, v. 48, 1999.

CASTILHO, Daniela Ribeiro; LEMOS, Esther Luíza de Souza, Necropolítica e governo Jair Bolsonaro: repercussões na seguridade social brasileira, **Revista Katálisis**, v. 24, 2021.

CHAGURI, Mariana; AMARAL, Oswaldo, The social bases of Bolsonaroism: an analysis of authoritarianism as politics, **Latin American Perspectives**, 2021.

MATOS, Maurílio Castro, O neofacismo da política de saúde de Bolsonaro em tempos perigosos de pandemia da Covid-19, **Revista humanidades & inovação**, v. 8, 2021.

MENDES, Áquilas; CARNUT, Leonardo; MELO, Mariana, Continuum de desmontes da saúde pública na crise do covid-19: o neofascismo de Bolsonaro, **Revista Saúde e Sociedade**, v. 32, 2023.

MORAIS, Alexandre Santos; SILVA, Daniel Pinha, A pandemia nas lives semanais: o uso de atenuadores na retórica anticrise de Jair Bolsonaro, **Revista de História Topoi**, 2021.

MORAIS, Diego; MOISÉS, José Álvaro, Cultura democrática em meio à pandemia de coronavírus no Brasil: um olhar longitudinal, **Revista Debates**, v. 16, 2022.

MUNIZ, B.; FONSECA, B.; PINA, R. Em duas semanas, número de negros mortos por coronavírus é cinco vezes maior no Brasil. **Agência Pública**, 2020.

NICOLAU, Jairo, **O BRASIL DOBROU À DIREITA Uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018**, Zahar. Rio de Janeiro: [s.n.], 2020.

ORO, Ari Pedro; ALVES, Daniel, Jair Bolsonaro, líderes evangélicos negacionistas e a politização da pandemia do novo coronavírus no Brasil, **Revista Conicet**, v. 30, 2020.

PEIXOTO, Vitor; LEAL, João Gabriel; MARQUES, Larissa, O impacto do bolsonarismo sobre a cobertura vacinal contra a Covid-19 nos municípios brasileiros, 2022.

POWELL, G. B.; WHITTEN, G. D. A cross-national analysis of economic voting: taking account of the political context. **American Journal of Political Science**, vol. 37, p. 391-414, 1993.

RENNÓ, Lúcio; AVRITZER, Leonardo; CARVALHO, Priscila Delgado, Entrenching right-wing populism under covid-19: denialism, social mobility, and government evaluation in Brazil, **Revista Brasileira de Ciência Política**, 2021.

RENNÓ, Lúcio, Bolsonarismo e as eleições de 2022, **Revista Estudos Avançados**, v. 36, 2022.

SANDES-FREITAS, Vitor Eduardo; ALMEIDA, Helga do Nascimento; SILAME, Thiago Rodrigues, Combate à pandemia de covid-19 e sucesso eleitoral nas capitais brasileiras em 2020, **Revista Brasileira de Ciência Política**, 2021.

STROM, K.; LIPSET, S. Macroeconomics and macropolitics: The electoral performance of democratic governments. **Anais American Political Science Association**, Washington, DC, 1984.

VEIGA, Luciana Fernandes; ROSS, Steven Dutt, Os determinantes da avaliação da economia na eleição presidencial brasileira em 2014, **Revista Opinião Pública**, 2016.

VEIGA, Luciana Fernandes; ROSS, Steven Dutt; MARTINS, Flávia Bozza, Os efeitos da economia e da Operação Lava-Jato na popularidade da Presidente Dilma Rousseff no período pré-impeachment, **Revista de Sociologia Política**, 2020.